



# Zanzalá

Homepage da revista:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/zanzala/index>



## *Plano Controle*

de Juliana Antunes (2018)

por Camila Montagner Fama<sup>1</sup>

“Sempre tem mais de uma reprise passando” é uma afirmação que traz consigo um ar de definição, de potencial lei não escrita do cardápio das emissoras de televisão de sinal aberto brasileiras. Seja a reprise como um estofo de programação ou uma busca de Sísifo pelo retorno do brilho inicial, ao se pintar a fórmula do sucesso daquilo que um dia foi inédito com uma enésima demão de tinta. Talvez as duas coisas ao mesmo tempo. De um jeito ou de outro, as medidas disponíveis parecem inadequadas diante dessa pretensa lei, ainda a ser lavrada. Quantas reprises cabem em um dia? Quando é chegada a hora de parar de reprisar?

Plano Controle parece trazer consigo uma versão especulativa das duas questões, ao se perguntar se seria possível as reprises serem tão presentes na grade da TV aberta brasileira a ponto de sua expressão cultural operar rupturas no sentido do tempo.

O filme narra a saga de Marcela (Marcela Santos) para viajar de Belo Horizonte à Nova Iorque, uma jornada que começa num momento bastante marcante da história recente. Diante da notícia do impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff e dos aborrecimentos cotidianos de portas que teimam em não abrir, da sua busca infrutífera por alguém que não chega a aparecer onde supostamente deveria estar, a protagonista decide deixar o país. No entanto, ao tentar fazer a viagem pelo serviço de teletransporte oferecido pela sua operadora de celular, Marcela é surpreendida por uma série de escalas não solicitadas. Em vez de se aproximar do destino planejado, Marcela é constantemente interceptada e acaba indo parar no que parece ser o limite da área coberta pelo sinal da sua operadora naquela cidade, situado num bairro

---

<sup>1</sup> Graduada em jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestre pelo programa de pós-graduação em Divulgação Científica e Cultural (Labjor/Unicamp). Doutoranda em Ciências Sociais (IFCH/Unicamp).

homônimo da metrópole mais populosa dos Estados Unidos. Acontece, diz o teleatendente do suporte da operadora de celular, que ela tinha contratado um serviço pré-pago, o Plano Controle, sem cobertura para a viagem internacional pretendida.



Em um primeiro momento, ela parece desorientada ao olhar ao redor, mas não demora muito até a protagonista encontrar uma bodega que venda créditos extras para turbinar o serviço contratado. Não era para menos, os créditos anteriores andavam tão minguados que, na primeira escala, a protagonista foi despachada pela operadora a apenas algumas baldeações de ônibus de distância do local de partida da viagem. Uma vez recarregados os créditos do celular, ela parte para o segundo trecho da viagem, mas vê logrado de novo o seu intento de deixar o país. Na terceira tentativa, ela se intromete numa pelada de fim de tarde. É só na quarta vez que ela encontra uma paragem mais amigável, um bar de beira de estrada, onde fica logo sabendo que fez mais que uma simples mudança de ares. Apesar de não ter atravessado nenhuma fronteira nacional, Marcela viajou não só no espaço, mas também no tempo. É assistindo à televisão do bar enquanto joga sinuca que a protagonista percebe estar diante de uma reprise, embora as torrentes de notícias antigas sejam anunciadas com a inconfundível e exata urgência intempestiva, própria do calor da hora.

Ainda no bar, ela arruma uma companhia (Uirá dos Reis) vinda do Maranhão, também viajante e, também, numa escala inesperada, com quem ela descobre que, ao enviá-la para o ano de 1996, a operadora de celular tinha dado a ela a chance de reviver os dias de um passado não muito distante em um lugar diferente, sem rejuvenescer um dia sequer, nem esquecer do futuro do qual ela partiu em fuga. O outro personagem, entretanto, revela ser um marinheiro de primeira viagem, a viver pela primeira vez o ano de 1996. Ele não conhece a profusão das notificações nas telas dos celulares nem o triângulo retângulo como símbolo da internet 3G. Tampouco ele viveu no Brasil governado por Dilma Rousseff, pois acaba de desembarcar vindo do ano de 1972, em meio a uma tentativa de viajar para São Francisco.

Mesmo nesse canto não nomeado, onde os dois se encontram entre rebanhos, casinhas salpicadas em montanhas e trilhas que vão dar em cachoeiras, o sinal da TV segue transmitindo. O próprio teletransporte de Marcela se passa em lampejos que lembram curtos-circuitos, em intervalos nos quais ela aparece espasmando no topo de uma laje, entre telhados coroados por um sem-número de antenas. Se, nesse futuro do qual ela debandou, a urbanidade era mais densa ou o sinal de TV ganhou mais concorrentes para disputar o espectro eletromagnético faixa a faixa, isso já não tem a mesma importância.

A recém-adquirida companhia de viagem logo trata de repreender a amiga vinda do futuro, ao

pedir que a protagonista pare de anunciar o desdobrar de acontecimentos que, para o outro personagem, eram frescos.



Enquanto Marcela acaba de chegar ao passado na procura de um refúgio em face aos anseios decorrentes dos eventos políticos de 2016, sua companhia continua a seguir a flecha do tempo ao debandar do período ditatorial e desembarcar nos primeiros anos após a ditadura militar, sendo poupada do esgotamento dos anos de chumbo e dos anos iniciais de retomada civil, quando se deu o impeachment de Collor. Isso porque a viagem do outro personagem se dá na contramão da trilha percorrida pela protagonista. Pelo sentido contrário, o personagem interpretado por Uirá dos Reis não volta, mas avança no tempo a golpes de braçada que, de tão ávidos, se prestam a mover águas um tanto além daquelas que seus braços conseguem alcançar. Afinal, nem tudo se resume a sinais, seus emissores e receptores na história que é contada na tela.

As pistas deixadas pelas antenas de TV e pela presença do aparelho sempre ligado nos ambientes fechados que aparecem no filme, enquanto os protagonistas se encontram distantes dos centros de transmissão, podem ser desdobradas em relação ao que Martín-Barbero (p. 130-131) chama de deformação do tempo cíclico – que seria o tempo vivido em comunidade ao redor de um eixo, que é a festa – pela sua espetacularização, que o transforma em algo a ser visto e admirado. Ao voltar no tempo e rever o acidente do avião que se chocou contra a Serra da Cantareira e levou consigo os integrantes da banda Mamonas Assassinas, o piloto, o copiloto, o *roadie* e o segurança, a protagonista relembra o acontecido como o motivo de grande tristeza de quando ela ainda era criança. Já adulta, sua expressão é lânguida ao assistir aquilo de novo no televisor do bar.

Entretanto, o efeito de distanciamento causado pela espetacularização de eventos extraordinários, como festas e tragédias, não esgota as aproximações possíveis com a abordagem de Martín-Barbero no livro *Dos meios às mediações*. Uma outra aproximação a ser feita, que também pode ser frutífera, tem a ver com o modo pelo qual as transmissões televisivas se integram e participam da organização da “cotidianidade”, para usar um outro termo do autor (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 292). Logo antes de Marcela aterrissar no bar, onde está escuro, são as intermissões com cenas populares e inconfundíveis dos

idos dos anos 1990 que se dão durante a viagem de Marcela e que apontam para o público do filme o malogro que mais de uma vez intercepta a sua ambicionada partida para além das fronteiras nacionais, além de indicar a época na qual se deu o último desembarque. Ainda que a protagonista aparente ter ido mais longe no espaço em relação à primeira tentativa de teletransporte e, não obstante, também tenha viajado no tempo, ela se mostra bem menos desorientada nessa quarta escala da viagem, que parece não ser a última, mas ser aquela na qual ela encontra a companhia de um amigo somada à insistente companhia da programação televisiva.

O modo pelo qual a televisão pode marcar e, em alguma medida, organizar a passagem do tempo, é algo que também pode ser visto no longa *Um dia na vida* (Eduardo Coutinho, 2010). *Um dia na vida* foi montado a partir da gravação simultânea de transmissões de diferentes canais da TV aberta ao longo de um mesmo dia, editadas e montadas em um filme de 94 minutos, composto com essas imagens. Em *Um dia na vida*, as transmissões da TV aberta se mostram aberrantes e vertiginosas, mas, ainda assim, se prestam a exibir a marca da coletivização de uma certa expressão da temporalidade. Que essa temporalidade seja ou não, primordialmente, aquela das reprises, ainda é uma questão que precisa de um fôlego maior do que o cabível em uma resenha cuja proposta é dedicar atenção a um outro filme.

O humor de fundo presente em *Plano Controle*, talvez até em maior grau que as pistas visuais tiradas dos arquivos televisivos e que são recorrentes entre as viagens malfadadas, é o que mais sugere que a reprise é uma das arquitetas do encontro da protagonista com aquele que se torna seu amigo de estrada. A estética do filme remonta com cuidado elementos de destaque da televisão dos anos 1990 nas cenas com os personagens principais. Um detalhe são as cores da época, que se tornam cada vez mais presentes na tela conforme se aproxima o final.



A displicência com que as viagens de teletransporte são operadas, tanto a “volta ao passado” de um personagem, quanto a “ida ao futuro” do outro, aparece como mais importante para a trama que a novidade da tecnologia teletransportadora, guiada pela operadora de celular. A protagonista enfatiza isso em um diálogo no qual ela tenta, sem sucesso, explicar seu perrengue com a operadora. Apesar de ter

entrado na mesma situação que ela, seu interlocutor chegou ali por outra porta e em outra toada. Em vez de partir por almejar um destino de acomodações bem-sucedidas, tinha buscado alcançar uma atmosfera respirável para tocar a vida. Assim como a presença do coadjuvante que encara como novidade episódios que para o espectador são batidos, mas que para ele são inéditos, as cenas em grandes espaços abertos dissipam aos poucos o efeito de clausura causado pelas repetições de falas e situações no roteiro e a recorrência de imagens canônicas pinçadas de modo competente nos anais televisivos para atizar o açodamento de memórias de um passado já não tão recente assim.

Recompostas pelas tramas kafkianas da burocracia edificada pelas empresas de telecomunicação, as fronteiras espaciais em Plano Controle continuam sendo opacas e especialmente seletivas naquilo que barram ou deixam passar. O ar desinteressado da viagem ao passado, que pode parecer tão fácil quanto se agarrar ao controle remoto e rebater os canais estirado no sofá, dura até que as reprises de novelas e outros sucessos do passado sejam interrompidas por notícias que localizam e especificam na viagem de Marcela as limitações de se deixar levar ao sabor do tempo e do plano de celular pré-pago: é permitido zapear no calendário e até sair do lugar, mas só ligeiramente. Tão cedo se começa a achar que tudo parece o mesmo, o incômodo com a repetição também se reinventa.

A própria Marcela já tinha se visto em situação parecida, tal como quando, no início do filme, se desentendeu com um elevador que seguia intrépido e parecia decidir por si em quais andares parar e por quais outros passar batido. Na subida, o elevador em questão fez paradas não solicitadas em alguns andares e, em outros, se recusou a atender a demanda de quem queria desembarcar. Na descida, de novo se pôs a parar ou a seguir viagem à revelia da protagonista, assim como dos demais passageiros encaçapados naquela situação. Entre uma viagem e outra no elevador-roleta-russa, ela deu de cara com a porta trancada, bem onde esperava encontrar alguém para recebê-la. Foi então que irrompeu a bater na porta e a gritar: “28”, “28”, “28”, “28”, “28” (...). Por último, vale a pena lembrar da vez que Marcela tentou falar ao telefone para reclamar do serviço de teletransporte. Por ter sido levada, mais uma vez, para outro lugar que não o seu rumo, ela de novo se põe a ligar para repetir a reclamação contra a operadora de celular a outro teleatendente, e adverte que vai trocar de operadora. Ainda que as tentativas continuassem a dar errado, seus dissabores não chegaram ao ponto de abalar a persistência da protagonista, que seguia disposta a se desfazer da operadora, para quem sabe, ser bem-sucedida em alguma outra vez, com algum outro plano.

## **Ficha técnica**

Título: Plano Controle

Ano de produção: 2019

Duração: 15 minutos

País: Brasil

Estado: Minas Gerais

Direção e roteiro: Juliana Antunes

Produção: Camila Bahia Braga, Laura Godoy, Marcella Jacques

Elenco: Uirá dos Reis, Marcela Santos, Christian Bravo, Katia Aracelle

## **Referências**

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.